



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**FRANCISCO CAMARGO NETTO**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-94

**Entrevistado:** Francisco Camargo Netto

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Karine Dalsin

**Data da entrevista:** 08/03/2005

**Transcrição:** Marco de Carvalho

**Conferência Fidelidade:** Marco de Carvalho

**Copidesque:** Marco de Carvalho

**Pesquisa:** Marco de Carvalho

**Fitas:** (02 fitas) 94/01-A, 94/01-B, 94/02-A

**Total de gravação:** 85 minutos

**Páginas Digitadas:** 26

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02118/2010/01

**Número de registro da fita:** 02118/2010/01 a e b

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

CAMARGO NETTO, Francisco. *Francisco Camargo Netto (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a ESEF: cargos que desempenhou, estrutura física da Escola, mudança no perfil dos professores, mobilizações, mudanças no currículo, disciplinas que ministrou, literatura e bibliografias da época, mudança no perfil e nos interesses dos alunos; cotidiano da ESEF: uniforme, divisão das turmas por sexo, teste físico; relação com os alunos e colegas; fatos pitorescos; início da pesquisa e da extensão na ESEF.

Porto Alegre, 8 de março de 2005. Entrevista com Francisco Camargo Netto, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Professor, eu gostaria de iniciar a entrevista pedindo que tu nos contasse um pouco de como iniciou o teu envolvimento com a Escola de Educação Física<sup>1</sup>.

F.N. - Em 1960, eu vim à Porto Alegre<sup>2</sup> [palavra inaudível]. Eu sou formado pela USP<sup>3</sup>. E, nesse período, o responsável pela SEFAE<sup>4</sup>, a secretaria do governo, que estava promovendo este curso de atualização para professores [palavra inaudível] me convidou para montar e talvez ficar aqui em Porto Alegre. Em agosto de 1961 eu vim à Porto Alegre e fui [palavra inaudível] para professor estadual. E assim, à medida que foi passando o tempo, eu trabalhei várias vezes na Escola de Educação Física dando curso para os alunos [palavra inaudível] ainda sem nenhum vínculo com a Faculdade. Depois de 1963 eu fui colocado à disposição da Escola de Educação Física juntamente com o professor Cleomar<sup>5</sup>, que era vivo ainda. E, daí em diante, eu permaneci na faculdade até, mais recentemente, 2004. 2003, perdão.

K.D. - Foste professor da graduação e de outras...

F.N. - Eu fui professor da graduação e [palavra inaudível] à medida que os professores foram se aposentando eu fui obrigado, por ser o mais novo, a estudar e ministrar as disciplinas. Além de ser professor da graduação, eu fui professor da pós-graduação. E fui o primeiro coordenador do curso de pós-graduação. Ajudamos na reforma do ensino em 1987 da graduação e colaboramos também na criação do curso de mestrado na década de 90. Que mais? Se quiser saber o que eu trabalhei, o que eu ministrei nas disciplinas, eu posso listar [riso]. Eu trabalhei com futebol, futebol de salão na época, ginástica, voleibol, metodologia do ensino, didática da educação física, ginástica IV - ginástica corretiva -. Trabalhei também com recreação e trabalhei também com [palavra inaudível]. Essas foram

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>3</sup> Universidade de São Paulo

<sup>4</sup> Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional

<sup>5</sup> Cleomar Antonio Pereira Lima

as disciplinas que atuei na faculdade em função das necessidades da Escola já que, a medida que saem professores, [palavra inaudível] concurso e naquela época não havia este programa, esta situação de professor substituto. Então, quem estava lá tinha que ajudar. Dei também biometria e cinesiologia [riso]. Então, eu já fiz de um tudo um pouco dentro daquela Escola e foi muito bom. Me obrigou a estudar e ajudou na minha formação. Dentro da faculdade de educação física, eu tinha 25 anos de idade e isso então, me empurrou para frente. Depois eu fiz um concurso dentro da faculdade para professor titular e fui aprovado e fiz um pós-doutoramento em Portugal na década de 90. Então, foi assim o meu percurso dentro na instituição. Fiz várias vezes parte [palavra inaudível]. Não fui selecionado para ser diretor, mas contribuí com a minha parte naquilo que me pediam. Vi o tanque, aquela instalação lá no Jardim Botânico<sup>6</sup>... Quando nós mudados para lá em 63, o ginásio ainda não estava coberto. As salas de aula teórica eram no prédio administrativo. Subindo a primeira escada, havia umas divisórias de madeira separando as salas. Depois mais tarde, com o crescimento da Escola, nós tivemos lá na escolinha de madeira que tem no fundo da Escola, Otávio de Souza, que depois saiu de lá, [palavra inaudível]. Onde estão as salas de aula hoje, nós tivemos um campinho de futebol e uma pista de atletismo de 200 metros, mais ou menos. Pista de saibro e carvão. Do lado, logo que dobra, que sai do prédio administrativo em direção... Como se fosse ao bar, mas dobrando ali, tinha um tanque, acho que 8 metros por 6 - o professor peixinho<sup>7</sup> pode dizer melhor, porque ele trabalhou naquele tanque – os alunos tinham aula de natação. Depois mais tarde também construíram aquele prédio lá em cima, da piscina, a pista de atletismo e depois, as últimas coisas a serem construídas, foram as salas de aulas, a musculação, o bar e, posteriormente, aquele ginásio - as salas de aula grandes também - e o ginásio de ginástica olímpica e depois ainda o Laboratório<sup>8</sup>, LAPEX. Agora assim, eu não me lembro mais, mas foi por aí. E o que mais eu posso dizer a respeito das obras? Bom, o espaço sempre foi muito gostoso, principalmente aquele verde ali na frente do prédio principal. Aquele gramado sempre foi muito acolhedor. Os alunos sempre se encostavam ali para suas atividades. [trecho inaudível]. Naquele espaço, acho que ainda tem umas pedras no canto de quem vai para, quem sai, olha para o gramado no lado esquerdo e ainda tem umas pedras. E ali foi implantada aquelas pedras por um grupo de alunos [trecho inaudível]. Outra coisa importante o nosso diretório, Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach. O Paulo foi um

---

<sup>6</sup> Bairro da cidade de Porto Alegre

<sup>7</sup> Jayme Werner dos Reis, conhecido como “peixinho”

aluno, daqueles alunos populares dentro da faculdade e, infelizmente, um acidente de trânsito na estrada, ele veio a falecer. Então, daí veio o nome do nosso diretório acadêmico. Que mais?

K.D. – O senhor conheceu o Paulo?

F.N. – Sim. Dos atuais professores antigos que estão lá, todos passaram pelos mesmos alunos.

K.D. – Porque eu lhe pergunto assim... Hoje em dia a gente tem o diretório com esse nome e não compreende bem o porquê deste nome.

F.N. – Exatamente. O Paulo era um aluno popular, alegre, expansivo, sempre bem disposto e muito comunicativo e, infelizmente, durante este período de estudos, ele sofreu este acidente. Naquela época ainda não era obrigatório o uso do cinto de segurança e ele foi atirado do carro e caiu em cima dele. Então a morte dele foi instantânea. Em função dessa comoção dentro da instituição, se quis fazer uma homenagem. Da mesma forma que a sala de ginástica, tem o nome do professor João Gomes Moreira Filho. Um ex-militar que dava ginástica na Escola, uma pessoa muito importante na formação de nós professores. Uma forma de homenageá-lo também foi colocado o nome dele naquela sala. Lá na piscina, se colocou o nome de Gaelzer<sup>9</sup> – não me lembro do primeiro nome dele – pai de uma professora também nossa de recreação, professora Lênea<sup>10</sup>. Então, o professor Gaelzer foi uma pessoa muito importante na educação física do Rio Grande do Sul, do Brasil. Ele foi tutor das praças públicas do Rio Grande do Sul. Recreação, esporte. Então, o nome dele ficou lá na piscina. E o pai do Arno<sup>11</sup> teve uma sala também com o nome dele. Professor Black<sup>12</sup>. Era muito bom professor de ginástica, colaborou bastante. Vinha de tradição alemã, então [trecho inaudível]. Um professor muito importante na Escola. E o Bugre Ubirajara Marimon de Lucena, professor de judô. Um professor de judô bastante assim, bem quisto dentro da Faculdade. Pessoa de bom senso. Sempre procurou avaliar as

---

<sup>8</sup> Laboratório de Pesquisa do Exercício, fundado em 1973.

<sup>9</sup> Frederico Guilherme Gaelzer

<sup>10</sup> Lênea Gaelzer

<sup>11</sup> Arno Black

<sup>12</sup> Karl Black

situações. [trecho inaudível]. Pessoa muito importante na formação dos nossos professores e também na criação da Faculdade, no ajuste da Faculdade. Depois tem o professor [trecho inaudível]. Professor de boxe. Eu me lembro de alguns, não me lembro de todos. Mas eu posso dizer assim... Havia, na época na Escola, ao invés de conselho da unidade, havia o Conselho Técnico Administrativo. E esse conselho que tomava as decisões dentro da Escola. E era composto por professores... Interessante que era assim: militares como professores e civis. Havia uma mistura bastante interessante. As professoras também participavam ativamente dos trabalhos. Professora Quintina<sup>13</sup> - não sei se vocês já a entrevistaram - professora Olga Kroeff<sup>14</sup>, de voleibol, professora Iula Hervé<sup>15</sup> e, depois delas, tem Marlene Rodrigues<sup>16</sup>... Uma porção de gente bastante importante que fizeram a Escola aparecer no contexto das demais Escolas.

K.D. – Por ter entrado em 1963 e ter saído em 2003, o professor deve ter vivenciado a troca de professores, os primeiros professores que tinham iniciado na década de 40 e dos professores que estão com a gente agora.

F.N. – É. Por exemplo, três professores que estão hoje lá, um deles é o diretor Ricardo Petersen<sup>17</sup>, eles tiveram a oportunidade muito grande de entrar na Faculdade por meio do professor Henrique De Rose<sup>18</sup>. O De Rose é quem criou o Laboratório do Exercício, o LAPEX, proporcionou a estes três professores, um deles é o Guimarães<sup>19</sup>, o Petersen e o Fortuna<sup>20</sup>, a fazer seu mestrado e, conseqüentemente, depois os professores buscaram outros caminhos para fazer seu doutorado. O professor Adroaldo<sup>21</sup> também ingressou dentro da Instituição pelo professor De Rose. Temos vários professores. O professor Biazús<sup>22</sup> também trabalhou lá no Laboratório do Exercício. Enfim, são professores que foram conduzir quando o professor De Rose começou a construir o Laboratório do Exercício. O próprio De Rose também foi muito importante. Nós tivemos professores que

---

<sup>13</sup> Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini

<sup>14</sup> Olga Valéria Kroeff Echart

<sup>15</sup> Iula Maria Green Hervé

<sup>16</sup> Marlene Rodrigues Koeche

<sup>17</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen

<sup>18</sup> Eduardo Henrique De Rose

<sup>19</sup> Antonio Carlos Stringhini Guimarães

<sup>20</sup> Newton Fernando Fortuna

<sup>21</sup> Adroaldo Cezar Araujo Gaya

<sup>22</sup> Luiz Biazús

tiveram gestos de grande grandeza dentro da Instituição e outros menos voltados, mas, de maneira geral, nós podemos confirmar que a maioria contribuiu muito para o crescimento da Faculdade. Que ela era antes Estadual e, em 1969, passou a ser Federal. Então, nesse período... Praticamente, assim que passou a ser Federal, começou a abrir as portas.

K.D. – Alguma mudança significativa no perfil dos professores dessas diferentes épocas?

F.N. – Sim. [trecho inaudível]. Boa parte dos professores que davam peso a Instituição tinham uma formação militar. Então, todo o trabalho era baseado ainda no regulamento nº 7 da ginástica. Aquela ginástica mais [palavra inaudível], mais rígida. E até o professor Black que trabalhou na ESEF, ele também tinha um regime alemão de trabalho. Então, era uma formação de muita exigência. Inclusive, existia a prática, a prova prática para ingressar da Faculdade. Quem não passasse nessa prova ficaria de fora, não fazia nem o vestibular escrito. Eu mesmo trabalhei muito fazendo prova de coordenação motora. Mas tinha outras provas que, se a gente analisar hoje, vai ver que era uma aberração o que a gente fazia. Por exemplo, numa prova de natação: quem não cruzasse aquela piscina de 25 metros em 30 segundos, mais ou menos isso, não seria aprovado. Então, quem fizesse 30 segundos e 5 décimos ficaria de fora. E isso contraria aquilo que a gente espera de um bom aluno dentro da faculdade de educação física: que ele melhore, que ele cresça, que ele realize a tarefa, [palavra inaudível]. Da mesma forma que ele consiga subir na corda de 3 metros só com os braços, também não seria aprovado; quem não fizesse coordenação de braços e pernas também não seria aprovado; quem não arremessasse a pelota com a mão direita e esquerda também não seria aprovado. E assim por diante. Veja bem quantas coisas se fazia na época, erradamente, no intuito de qualificar melhor o quadro de alunos. Mas é uma aberração. Depois que saíram os militares, houve uma entrada de um bom grupo de professores que já tinha experiência em escolas. A maioria tinha vivido não só o período de estágio, mas o seu trabalho cotidiano como professor do Estado. E depois, de uma época mais recente vamos dizer assim, na década de 80 para cá, quando os mestrados e doutorados começaram a ser destacados com muita importância dentro da educação brasileira e, principalmente, na educação física, tivemos um contraste muito grande. Muitos de nossos alunos se formaram, fizeram especialização, fizeram mestrado, doutorado, mas só trabalharam na escola durante o estágio. E se você fizer um levantamento de boa parte dos professores que estão lá, se eles trabalharam dois anos na



escola é muito. Então, isso cria um outro perfil. Um perfil mais pesquisador e menos prático. As matérias que tem mais pesquisa não servem. Mas tem os que fazem pesquisa e não servem para dar aula também. Também tem os problemas. Tem alguns que tem uma boa qualificação como professor-doutor, mas, frente ao aluno no dia a dia, ele tem muita dificuldade e isso nos leva a acreditar que nem sempre tu ser doutor ou pesquisador te dá competência para trabalhar dentro de uma Escola de Educação Física. Mas o jogo é esse. As universidades tem que professores-doutores, professores-mestres e nem sempre então a escolha é bem feita. Acho que o curso também apresenta falhas. O curso examina o candidato naquele momento, mas, às vezes, a banca também se deixa levar pelo conhecimento que tem do candidato. Se vem um candidato de fora e um candidato de casa, sempre há uma tendência em aceitar ou oferecer ao candidato de casa. Tanto é que, se você olhar dentro da faculdade de educação física, na Escola de Educação Física, a maioria dos professores são de dentro de casa. Então, são fatos assim que comprovam exatamente isso. E já tivemos bastantes problemas do professor passar em todos os concursos, se definir por um, mas depois convencido a mudar: “Não. Você não vai entrar nessa, vai entrar na outra”. Umass coisas assim meio complicadas. Mas já aconteceu. Além dos problemas das greves. As greves que tem quem faz e sempre tem aqueles que não fazem, como eu – eu fiz uma vez só e depois desisti de fazer as greves -. E tem aqueles que fazem as greves e não participam, não vão na reunião dos grevistas e tem aquelas situações como, por exemplo, várias vezes fui colocado na berlinda. Reuniam os alunos lá na sala de rítmica, os professores e me questionavam porque eu não estava em greve. E vem aquelas conversas bem interessantes, porque tem acusações: “Se nós ganharmos, você vai ter que abrir mão do salário”. E a minha resposta “Mas eu quero precisar deste novo salário deste período em que vocês não estão trabalhando e vão ganhar?”. E assim vai. Mas foi uma experiência muito boa. Eu tenho uma recordação muito interessante da Escola. Mais uma parte da minha vida.

K.D. – A ESEF<sup>23</sup> parece que tem uma mobilização fraca para paralisações, não é?

F.N. – Agora. Que mudou [trecho inaudível]. Se você analisar friamente esta mobilização, enquanto no Estado o partido atual do Governo... Tanto aqui no Estado como no federal, as greves eram constantes. Qualquer coisa era motivo de greve. Entrou este Governo, teve o

reajuste, se você examinar, teve o reajuste na [palavra inaudível], em cima dos aposentados 11%. Então, o que veio da [palavra inaudível] tiraram os 11%. E depois deu 1% de aumento. Está tudo bem e ninguém briga. Infelizmente também, porque boa parte dos funcionários que estão lá, pertence a esse partido. Então, não existe uma manifestação forte como você está colocando. E aqui no Estado agora vai começar a acumular bastante greve. Por quê? O atual governo que entrou também não é do mesmo partido do governo federal. Então, as paralisações vão acontecer. Que é natural. Faz parte da democracia. Mas eu queria ressaltar mais uma coisa no período que diz respeito a minha chegada aqui. Antes de eu ir para a ESEF aqui no Jardim Botânico, a Escola de Educação Física que eu peguei, funcionava no ACM<sup>24</sup>, na Washington Luiz<sup>25</sup>. Um pouco na ACM, um pouco no União<sup>26</sup>, um pouco no campo do Cruzeiro<sup>27</sup>, ali onde é o cemitério<sup>28</sup>. Eu trabalhei mais no ACM, colaborando ainda sem vínculo com a Instituição.

K.D. – Eu ia perguntar deste período da Ditadura Militar, se nesse período existia mobilização, se existiu um debate político dentro da Escola.

F.N. – Olha, existia por baixo do pano, como a gente dizia. Existia um movimento, mas não existia um movimento que a gente podia dizer, de ir para rua. Porque até se brincava muito na época quando tinha duas ou três pessoas conversando junto: “Olha, cuidado. Isso já é complô”. Realmente havia uma preocupação em não participar intensamente desta atividade política, uma tentativa de ir contra o regime. Se discordava, mas havia muita submissão, principalmente dentro da ESEF.

K.D. – Mas a Escola tinha um vínculo militar ainda naquele período...

F.N. – É. Tinha um vínculo militar muito forte ainda. Mas não era por isso não. Acho que realmente pela característica dos profissionais. Os professores já eram veteranos, alguns já aposentados, na caserna como se diz. Então, provavelmente, alguns não tinham mais

---

<sup>23</sup> Escola de Educação Física

<sup>24</sup> Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

<sup>25</sup> Rua do centro de Porto Alegre

<sup>26</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>27</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

<sup>28</sup> Cemitério Ecumênico João XXIII, fundado no dia 27 de abril de 1972.

interesse numa luta mais aberta. E eu não me lembro de nenhum professor ter sido caçado dentro da faculdade de educação física. Isso seria destacado, seria uma coisa muito forte.

K.D. – Essa mudança no quadro de professores aconteceu em alguma época pontual, em alguma década pontual ou aos poucos foi se modificando...

F.N. – Não. Foram saindo aos poucos. Eu posso te dizer, por exemplo, o professor [palavra inaudível] que era médico, ele saiu em 65, 66, por aí. [trecho inaudível]. O professor de ginástica, tanto feminino quanto masculino e dança, eles foram substituídos gradativamente por aqueles que estavam auxiliando. Como era uma Escola estadual ainda, havia uma possibilidade de o professor ser cedido do colégio para dentro da Escola de Educação Física. Então, muitos colegas que ajudaram a construir aquela Escola vieram do Estado, colégios do Estado, cedidos e como auxiliar dos professores titulares ou catedráticos, como chamam. A transição foi muito tranqüila, não houve nenhum trauma maior. E acredito que essa foi uma das boas coisas que aconteceram dentro da faculdade de educação física, inclusive a mudança de currículo. O currículo de 66 foi mudado em 87. Em 87 também a transição foi muito bem feita, já com a participação dos novos professores que são os doutores atuais. Mas houve uma mudança bem interessante sem trauma também.

K.D. – Em 87, o senhor poderia falar um pouco sobre a mudança?

F.N. – Eu posso dizer a você o seguinte: que naquela época a Escola estava estruturada da seguinte maneira: tinha a direção, o colegiado da instituição, tinha dois departamentos e, nessa época, nós tínhamos o que chamávamos de currículo mínimo, em 66. Tinha as disciplinas básicas obrigatórias a serem desenvolvidas na Escola. Envolveria ginástica, natação, higiene, anatomia, fisiologia, uma série de disciplinas obrigatórias. Nós tínhamos um hall de disciplinas obrigatórias. Podendo ter mais algumas disciplinas fora aquelas. E, quando houve a reforma, o objetivo foi tirar essa obrigatoriedade e ter um currículo único para o Brasil todo. O objetivo era respeitar as características regionais. Então se manteve uma estrutura em 87 que dava oportunidade que o aluno fizesse uma série de disciplinas inovadoras que foram criadas, implantadas, sem perder também algumas daquelas do passado. Inclusive, esta transição foi muito interessante porque também o aluno não ficou

prejudicado. Teve reconhecido aquilo que já tinha feito. Ele não tinha que fazer de novo, só foi se adaptando ao novo currículo. Parece - eu não me lembro bem, quem talvez possa dizer bem é o Betão<sup>29</sup> - senão me engano, tinha quatro áreas que foi dividida para gente preencher os espaços com as disciplinas. Mas eu não me lembro exatamente quais eram as áreas. Mas foi feito com muita tranquilidade e realmente facilitou muito para a faculdade de educação física. Outro aspecto era que, na época, era formar muito mais o professor atleta. E depois passou a se formar um professor generalista, com objetivo de um bom atendimento, mais amplo. Esse foi uma das grandes vantagens deste novo currículo e foi muito bem feito pelos professores, esses que colaboraram bastante. A professora Jane<sup>30</sup> que estava nesta época, que começou trabalhando com atividade motora adaptada, educação física especial. Disciplinas que caracterizavam [palavra inaudível]. Acho que fomos os pioneiros a colocar a disciplina, a parte teórica e a parte prática da educação física especial.

K.D. – Essas mudanças partiram da mudança da visão, informação de um professor de educação física. Isso eu falo desde o início da Escola. Se de alguma forma estava ligada com o cenário nacional da educação física?

F.N. – Estava. Deixa eu te contar uma coisinha antes. Desculpa eu estar assim pulando as datas, mas... Na década de 70 houve a reforma no ensino e, nessa reforma no ensino, que envolveu municípios, estados, escolas particulares, faculdades, uma das coisas que foi introduzida, nessa década de 70 e, no nosso caso, na educação física que foi consolidado quando nós passamos para a Universidade, logo depois de 69, foi o seguinte: que todos os cursos de licenciatura teriam que ter as disciplinas pedagógicas e deveriam estar vinculadas à faculdade de educação. E isso realmente trouxe algum transtorno. Alguns professores não entenderam essa integração, porque achavam que ia haver interferência da faculdade de educação sobre o trabalho do professor de educação física na escola. Ou seja: “Eu não vou me submeter aos professores da educação para dar uma aula de educação física”. Quando a idéia não era essa.

[FINAL DA FITA 94/01 - A]

---

<sup>29</sup> Alberto Reinaldo Reppold Filho

<sup>30</sup> Jane da Silva Gonzalez

F.N. – Alguns aspectos ligados à didática geral e a didática especial, as metodologias do ensino e as práticas de ensino e dando apoio a tudo isso a psicologia do desenvolvimento, a psicologia da aprendizagem que antigamente a educação física não dava muito valor para esse aspecto, porque no currículo dele não pedia. Tinha uma psicologia – me lembro quando fiz a faculdade na década de 50, entrei em 57 e me formei em 60 –. Então, antes desta reforma, o currículo tinha como, na área da didática, tinha a metodologia do ensino, metodologia da educação física com seus próprios métodos tradicionais, o sueco, austríaco, calistênico, francês, dinamarquês. E a psicologia era uma psicologia geral. Não tinha sociologia e de didática mesmo não tinha nada, praticamente nada. Só tínhamos o trabalho com o professor de ginástica, de voleibol que ensinava como trabalhar o processo de ensino-aprendizagem. Não tinha uma disciplina específica que estudasse.

K.D. – Uma característica que chama a atenção, tu mencionaste a tua passagem pela Escola e foste professor de diversas disciplinas. Isso para gente, para mim que me formei neste último ano, soa muito estranho. Essa não especialização, eu diria, dos professores.

F.N. – É que da mesma forma que nós quando entramos num emprego e nos oferece oportunidade, nós temos uma base, então a gente se aprofundava. Se levar em consideração uma coisa importante, naquela época, eram raros os livros de educação física. Tanto é que meus alunos, quando eu dei aula de ginástica geral, eram obrigados a trazer uma pasta. Tudo que eles encontrassem, revistas, jornais, informações sobre atividades físicas, ginástica, eles tinham que colocar nesta pasta. E outras modalidades, futebol de salão que eu dei também – agora futsal, futebol de salão na época – também tinha que botar na pasta. O handebol também tinha que colocar na pasta porque não tinham trabalhos publicados. Eu tenho um livro publicado junto com o professor Heron<sup>31</sup>, de handebol, tenho outro de educação física e reforma no ensino, também com o professor Heron e depois eu só tenho um trabalho sobre atividade física para portadores de deficiência. Então, hoje se você abrir um arquivo sobre livro de educação física são milhares e milhares de livros e antigamente não tinha. Isso, por um lado, facilitava que você pudesse ter um pouco mais de conhecimento em termos da tua experiência, da tua vivência, da tua leitura, desta forma. E basicamente, a sua informação era ler, porque você não tinha como saber se era mentira ou verdade. Funcionava mais ou menos assim. Então, tinha muitas verdades, por exemplo, se

você pegar um livro daquela época, do Inezil Penna Marinho, era só aquele livro que tinha, de história da educação física. E você não encontrava outro livro que trouxesse a história da educação física. Se você pegasse o regulamento nº 7 do método francês, era aquele livro padrão do exército e não tinha nenhum outro livro. E se você pegar o manual de basquete do Moacir Daiuto - senão me engano de 70 e poucos, já é mais recente – também era o único livro de didática do ensino do basquete. Então, era muito escasso o material. Era mais fácil. Hoje, você não pode mais enganar ninguém. Você não consegue mais colocar para os alunos aquilo que não seja uma verdade. Pode ser mudada, é claro, mas você vê que havia uma diferença. E havia uma outra situação, o professor era muito mais respeitado e isso levava a ter mais seriedade no seu trabalho. Hoje a gente sabe que existe muitas discussões a respeito da qualidade do trabalho do professor, do que ele usa, do que ele fala, já que confrontando com o que existe na internet, que também é um fato que não existia naquela época [riso]. Então tem uma série de coisas que favoreciam você [trecho inaudível]. Por exemplo, o livro que eu tenho aqui que eu trabalhei com ginástica corretiva, era do Lapierre, de que ano? 66. Em espanhol. Depois o livro que eu trabalhei de ginástica corretiva foi do [palavra inaudível], mais recente, 70 e poucos. E assim vai. Se você pegar as edições novas, muitas são reedições com pequenas alterações. Se você pegar meu livrinho coletânea de ginástica que tem lá na biblioteca, a única coisa que mudaram no livrinho são alguns exercícios abdominais que não se fazem mais. Por exemplo, você está em decúbito dorsal, levanta a perna e eu pego tua perna e atiro para o chão. Antigamente se fazia, era natural. Hoje não se faz mais. Outra coisa, hoje se faz alongamento, antigamente se fazia insistência. Sabe o que é insistência, não é? Aquela flexão de tronco, por exemplo, forçando o tronco para baixo. Tua colega te empurra para baixo, você força para baixo. Hoje você faz alongamento sem insistência. Está comprovado que, se você fizer alongamento com insistência, aquele limite provoca uma reação contrária. Veja bem, muitas coisas mudaram, mas, numa época que havia determinadas verdades e estava escrito em determinados livros somente, era mais fácil você trabalhar do que hoje. Então, essa tua escolha, tu querer saber como um professor pode trabalhar em várias disciplinas, isso acontecia. Eu tenho em casa ainda vários mimeógrafos, mimeografados [riso] em papéis, disciplinas [palavra inaudível], cinesiologia, tem trabalho de alunos da época.

K.D. – Como era a biblioteca então da Escola [riso]?

---

<sup>31</sup> Nome sujeito a confirmação

F.N. – A biblioteca era ali onde está o pós-graduação. Era o corredor e depois, no fundo do corredor, tinha um espaçozinho e todos livros e revistas ficavam empacotados porque não tinha espaço. E tinha uma bibliotecária que não se colocava a registrar nada, só ia lá... Era guardadora daquilo. Uma bibliotecária que infelizmente só guardou revista. Nunca levantou nada, nunca realizou nada. Tem uma figura lá, uma espécie de gaúcho pintado na parede. Não sei se tu já viu. Um gauchão grande. Feito por um aluno da turma, logo daquelas turmas que foram para lá, saíram do ACM e foram para lá. Mas a biblioteca era assim. Agora você fica espantada, mas realmente a gente conseguia fazer, porque o pouco que a gente tinha, conseguíamos estudar para desenvolver um bom trabalho. Claro, se você me disser “é um trabalho de [palavra inaudível]”, era um trabalho [palavra inaudível], limitado, não se compara com hoje. Antigamente era biometria e hoje envolve a cineantropometria, avaliação funcional, avaliação cardiorrespiratória, avaliação antropométrica, enfim, todos os tipos de avaliação estariam dentro de uma cadeira de avaliação. E tínhamos só biometria, estudávamos exatamente o corpo humano com proporcionalidade, medidas, comprimentos, usávamos os testes Falck, [palavra inaudível] para fazer algumas avaliações mais complexas, [trecho inaudível]. Tem uma porção de coisas que estão aí em evidência, que dá ao professor de educação física uma visão muito boa, mas a gente conseguia fazer. Tanto é que se conseguiu fazer que, aqueles que passaram por nossas mãos, pelos professores antigos, estão hoje na faculdade. Claro, tem alguns que cresceram e foram além e outros que ficaram. Aí já não depende mais de quem deu aula. Depende da formação de cada um e da busca de cada um.

K.D. – Mas a primeira turma de professores, a primeira geração também tinha pouco contato com a escola, não é? Os primeiros professores da década de 40 tinham pouca experiência em trabalhar em escolas...

F.N. – É, porque, a maioria, era militar e médico. Militar, médico e professor, vou colocar assim. Porque, realmente, na década de 40 aquelas professoras que se destacaram das meninas, se destacaram no curso, foram convidadas para continuar dentro da faculdade. A vivência delas na escola não deve ter sido muito grande. Depois mais tarde aquelas meninas que vieram auxiliar os professores antigos é que já tinham uma experiência de

escola. Por exemplo, a Diná<sup>32</sup>. A Diná tem uma experiência de escola muito grande. A professora Marlene<sup>33</sup>, professor Alduino<sup>34</sup>, eu, o Peixinho, o Iran<sup>35</sup>, são os professores mais antigos que estou relacionando para você. Professor Mário Cassel<sup>36</sup>. Então, esses professores trabalharam na escola também. Julinho<sup>37</sup>... Eu trabalhei na escola agrícola, numa outra escola estadual. Então, esses professores tiveram uma vivência do dia a dia da escola. E essa vivência que me deu bagagem para inclusive enfrentar essas variedades de disciplinas. Porque eu fui um dos que deu aula de verdade. O próprio aluno, trabalhou com futebol, com ginástica, ginástica corretiva. Essa passagem... O Jorge Luiz<sup>38</sup>, o “Pelé”, estava na escola. O Jorge Luiz trabalhou muitos anos na escola. Hoje é um doutor com uma boa experiência, com bastante experiência. Hoje nós temos bons professores que viveram... O Pelé, foi ginasta, tem outra vivência, a própria Marlene foi ginasta. Essa minha passagem por essa vida que eu digo, fica assim a idéia de que não basta ser bom aluno, tem que estudar depois de formado para ir mais além. E tem que ser empreendedor, tem que buscar seus espaços. Se não buscar seu espaço, vai ser mais um na corrente. Nada contra os mais um, mas...

K.D. – E falando dos alunos então. A gente conversou bastante sobre a mudança de visão da formação do professor de educação física, a mudança do quadro de professores. E o perfil dos estudantes que procuraram a ESEF?

F.N. – Começa por aí. O perfil do aluno antigo que entrou na década de 60 é um perfil dum aluno mais maduro. Eu tive vários alunos mais velhos do que eu – eu comecei com 25 anos - ou com a minha idade. Então, o tipo de aluno que entrou era um pouco diferente. Alguns eram atletas, porque a gente exigia, na época, esta prática. Se não passasse na prova prática não entrava. E outros eram pessoas com uma vivência no esporte. Muitos professores a título precário de educação física vieram fazer a Escola de Educação Física. Então, já tinham uma vivência de magistério. Até mais ou menos a década de 70 - que era estadual e depois passamos para federal e entrou o sistema de vestibular – ainda até a década de 90,

---

<sup>32</sup> Diná Pettenuzzo Santiago

<sup>33</sup> Marlene César Richter

<sup>34</sup> Alduino Zílio

<sup>35</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>36</sup> Mário César Cassel

<sup>37</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos

<sup>38</sup> Jorge Luiz de Souza, conhecido como “pelé”



os alunos que entravam era naquela faixa etária entre 18 a 20 anos, mas em média 21, 22 anos por aí. Hoje entra na Escola de Educação Física uma gurizada com 17 anos e transformar um garoto que saiu do ensino médio em três meses em universitário é complicado. Ele faz o vestibular em janeiro e em março começa as aulas. Então, é um garoto ainda com pouca experiência, esperando encontrar um grande clube universitário onde ele pudesse aproveitar o máximo todas as instalações, aqui também acontece isso. E o objetivo, a idéia deles é aproveitar a vida, fazendo esportes, aproveitando a sala de musculação, a piscina, a pista, a sala de ginástica na sua formação, mas ainda não está, boa parte, convicto do que quer. À medida que vai avançando, começam a surgir as oportunidades de emprego e ele começa a se [palavra inaudível], se queixa “porque não prestei mais atenção nisso” [riso], principalmente anatomia, fisiologia que são a base do ensino. Então é por aí a coisa. Os alunos também mudaram o perfil, a faixa etária de ingresso foi bastante alterada. E tem outro aspecto interessante desta alteração é que diz respeito ao tempo de duração que havia naquela época do ensino fundamental ou clássico ou científico ou curso normal. Havia assim, entre o primário e o ginásio tinha o preparatório, que estão querendo aumentar para mais um ano o ensino fundamental. Já existia... Eu mesmo quando estudei, quando fiz o primeiro ano, segundo, terceiro, quarto e depois tive que fazer o preparatório para entrar no ginásio e depois teria que fazer um exame de seleção para entrar no secundário, no ensino médio. Então, isso também aumentou a faixa etária do que veio para a faculdade. Hoje a gurizada está conseguindo rapidamente alcançar bons resultados e se formar com 17, 18 anos, 16. Tem gente que entrou na medicina com 15 anos. Então, este perfil dos alunos mudou bastante, como mudou o perfil dos professores [toca o telefone]. Por um lado é muito bom, gente jovem com bastante vigor, mas ainda sem maturidade suficiente.

K.D. – E a própria ênfase da educação física para a academia e não mais tanto para a escola, acredito que tenha mudado mais o foco de interesse dos alunos.

F.N. – Esta é uma falta de interesse falsa. Eu explico melhor: é que a academia é a palavra da moda hoje. Hoje a academia é uma fonte de renda mais fácil de ingressar [trecho inaudível], mas, em compensação, ela dá uma certa tranquilidade durante o período de estudante, mas o que vai dar realmente uma certa segurança é a escola particular ou escola pública, onde o individuo ingressa por concurso. Já tem aquilo que se chama de

estabilidade, ele vai atuar pouco, vinte horas ou quarenta horas. Então, tem bastantes fatores que define e identifica ele com a escola. Na academia, se ele não for um empreendedor, “personal training” ou montar sua própria academia, ele vai ficar passando de uma academia para outra. E, se ele for muito bom, ele se fixa em duas academias, duas ou três. Mas hoje o que se paga para trabalhar numa academia ou estagiário de uma academia é muito pouco. Consequentemente daqui a pouco ele cai na realidade, que ele tem que fazer um concurso na escola. Também paga pouco, mas é mais seguro.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]<sup>39</sup>

F.N. – Bem, outro aspecto importante que vai acontecer daqui a pouco, te dou mais um ano ou dois, é o esporte de aventura. Atividade física e ecologia. Hoje o “Skate” é o terceiro esporte nacional. Então, o que nós temos? A nossa Escola lá já tem pessoas trabalhando neste sentido. Trazem palestrantes, professor de asa-delta, escalada, pessoas envolvidas nestes esportes. Este vai ser um novo nicho de mercado para o professor de educação física. Na minha época era escola e clube, depois passou a ser escola, clube, hospitais, empresas, praças públicas, hotéis e agora estão entrando neste nicho que envolve a terceira idade também. Está aumentando a idade dos velhinhos. Eles estão chegando aos 70 e poucos anos sem problemas e esses velhinhos estão fazendo atividade física. Precisa de alguém que oriente. Então, é outro nicho do mercado que não é da escola, mas que pode ser no centro de atividades, tipo uma Creche de Dia do Idoso. Claro, Creche de Dia do Idoso. Os filhos pegam o pai e mãe e levam para a Creche essa, passa o dia lá, almoça lá e depois vai para a casa à noite [risos]. Você está rindo, mas é verdade. Pode acreditar que isso é outro nicho de mercado. Em vez de colocar nessas casas geriátricas onde o velhinho fica internado para o resto da vida, assim a casa de dia, o Centro de Atividades de Dia para o Idoso. Que eu acho que é muito bom, porque ele não vai ficar confinado. Então, tudo isso já está acontecendo, mas vai se desenvolver daqui a dois, três anos.

K.D. – Algumas coisas da história da ESEF me causam muita curiosidade por eu ser aluna agora e ver algumas coisas como absurdas, por exemplo, a divisão das turmas por sexo, o próprio teste físico e a obrigatoriedade do uniforme, que eram detalhes bem do cotidiano da Escola e que hoje eu, como aluna, não consigo imaginar no cotidiano da ESEF.

F.N. – Aí tem uma história bem interessante. Primeiro lugar, os que mandavam eram militares, então o uniforme faz parte do militar. Tem dois aspectos importantes: primeiro, identifica você numa instituição, o que é muito importante, dá vida a instituição através do aluno e, em segundo lugar, economiza a roupa. Bom, eu sou favorável ao uniforme. Quanto à divisão de turmas: só que antigamente a própria fisiologia da época mostrava a mulher como ser inferior. Ela ainda é, do ponto de vista físico, mais frágil do que o homem, do ponto de vista do desenvolvimento de força, velocidade, resistência, tem alguns sintomas de uma maneira geral. Mas alguns destaques como se consegue equilibrar e superar o homem facilmente. Mas a fisiologia da época preconizava um trabalho mais moderado, tendo em vista a função da mulher do lar, não a trabalhadora, que tem a função de dar a luz, de cuidar dos filhos. Então, a mulher era vista como um ser frágil. E eles entendiam que, botando mulher e homem juntos, ia ter muito atrito, muita violência e, realmente, tem muita atitude brusca dos homens em relação às mulheres. Em função disto que eles dividiram na época. Eu não vejo nenhum problema homem e mulher trabalhar junto, com tanto que ele saiba dosar os trabalhos de forma adequada. Tem mulheres que superam violentamente, de forma muito mais cabal do que os homens em qualquer atividade, às vezes. Por exemplo, uma coisa que surpreendeu... Vocês já entrevistaram o professor Carioca<sup>40</sup>? Só para perguntar... Já? Na época da Universíade<sup>41</sup> que foi em 63 aqui, na SOGIPA<sup>42</sup> tinha as russas levantando peso, fazendo aquecimento com 80 quilos e o Carioca para levantar o peso, penou para levantar os 80 quilos [riso]. Então, isso é uma coisa que a gente pode ver... Claro, que naquela época já uma série de [palavra inaudível], uma série de coisas, mas o Carioca estranhou, na época, que havia esta situação. Então, do ponto de vista do uniforme, é isso. É mais econômico, identifica em relação à instituição e, com relação a homem e mulher, hoje, não vejo porque não fazer junto, sem problema nenhum. Só que tem outro detalhe importante que a gente tem que destacar: se você for na Escola e olhar tem camiseta da coca-cola, da gatorade, do clube não sei do que, da era do modernismo, camiseta de tudo quanto é tipo, da adidas, mas não querem botar o uniforme da Escola. Botam o uniforme de qualquer porcaria que sai aí, [palavra inaudível], coca-

---

<sup>39</sup> Uma terceira pessoa fala com o entrevistado

<sup>40</sup> Paulo Gilberto de Oliveira

<sup>41</sup> Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

<sup>42</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

cola, qualquer coisa, botam a camisa. Mas, quando falam em botar o uniforme da Escola, não. Não botam. Quando eu fazia faculdade de educação física na USP, eu tinha uniforme de educação física do dia a dia e tinha uniforme de desfile. Eu tinha uniforme, considerado uniforme de gala. Se eu te mostrar meu álbum de fotografia, meu uniforme... A formatura era camiseta branca, calça azul-marinho com friso branco, tênis branco, meia branca e um blusão branco. O desfile de sete de setembro, na semana da pátria, a gente desfilava uniformizado. Até isso acabaram em função da ditadura. Isso é uma coisa interessante, talvez você possa destacar. Porque misturaram duas coisas: misturaram pátria com quem estava no poder. Então, uma forma de demonstrar sua insatisfação com a ditadura. Boa parte das Escolas de Educação Física, pararam de desfilar na semana da pátria. Só que esquece que, por trás daquelas pessoas que passam, está aquilo que nós queremos homenagear que é a pátria. E, na época, infelizmente a cabeça era desta forma e quem comandava a instituição achar que não tinha que desfilar, não se desfilava.

K.D. – Inclusive a ESEF da UFRGS<sup>43</sup>...

F.N. – Sim, a ESEF da UFRGS parou de desfilar. Até, acho que 68, 69, a ESEF sempre desfilava na João Pessoa<sup>44</sup>, com o uniforme da faculdade de Educação Física. O professor tinha uniforme. A gente desfilava em homenagem à pátria. Depois tiraram isso.

K.D. – Inclusive os uniformes?

F.N. – Sim. Nós tínhamos uniforme dos professores de educação física. Hoje o professor vai com qualquer roupa, às vezes com uma camiseta de qualquer empresa. Quer dizer, se descaracterizou a Escola como instituição, mas se você pode usar a camiseta da empresa porque você não pode usar uma camiseta do local que você trabalha. Porque você não ganha nada da coca-cola fazendo propaganda e da Escola você ganha para trabalhar [riso].

K.D. – E a divisão das turmas por sexo veio a cair quando, aproximadamente?

---

<sup>43</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>44</sup> Avenida da cidade de Porto Alegre

F.N. – Eu acho que logo que nós passamos para a universidade. Porque havia esta divisão até... Os rapazes não faziam a cadeira de dança, as gurias não jogavam futsal, não jogavam futebol e as aulas de basquete eram separadas. Eu acredito que foi quando nós passamos para federal, na década de 70, 75 por aí. Eu não tenho bem claro na memória isso.

K.D. – Não sei se o professor lembra qual era a discussão em torno disso que levou até o fim desta divisão...

[FINAL DA FITA 94/01 - B]

F.N. – Eu acredito que no momento em que começamos a receber maiores informações sobre fisiologia do exercício, fisiologia humana, os avanços na medicina nessa área do esporte, das atividades físicas, houve realmente assim... E a própria inclusão de novos profissionais dentro da instituição, houve uma mudança em relação a essa situação de professores, alunos separados, meninos das meninas. Eu mesmo, quando estudei na USP na década de 60, 57, era separado. Eu tinha aula de ginástica, nunca tive dança e as gurias nunca jogaram futebol. Aqui na ESEF era a mesma coisa. Acho que depois, quando nós passamos para a universidade, as coisas começaram a se alterar. Inclusive no ingresso eram tantas vagas para as mulheres e para os homens. Até isso no ingresso tinha.

K.D. – Isso aqui?

F.N. – É. Não era assim um total de vagas. Como tinha que formar turma masculina e feminina, tinha “x” vagas. E um curso que teve também na época, bastante interessante, foi o curso de normalista de educação física e que [palavra inaudível] também a formar o professor de educação física. Funcionava dentro da Escola de Educação Física, na década de 70 isso. Curso de normalista em educação física, curso de dois anos. Então, essa mudança do feminino dum lado e do masculino do outro foi em função exatamente destes avanços da medicina, a própria psicologia mostrando alguns aspectos ligados à mulher e ao homem, as características. Isso foi associado a esses novos professores. Mas não me lembro de grande discussão. Se houve discussão não fazia parte, porque tinha o Conselho Técnico Administrativo da Escola e nós não tínhamos a possibilidade de participar, só os titulares que participavam, os catedráticos. Não havia assim, a gente só cumpria ordens [riso].

K.D. – A gente conversou sobre os testes físicos, também outra mudança no perfil da Escola. E qual foi o debate que resultou no fim dos exames?

F.N. – O debate foi o seguinte: para ser professor de educação física tem que ser íntegro fisicamente e, se ele não fosse totalmente, ele podia melhorar. Então, exatamente os livros mostram que é possível uma mudança na estrutura da sua força muscular, velocidade, resistência, melhorar sua coordenação. Os livros mostravam isso. Outro aspecto: você está formado professor de educação física e você sofre um acidente, te cortam as duas pernas. Você deixa de ser professor de educação física? Não deixa de ser professor de educação física. O Carioca está ficando cego, porque a diabetes tem problema ocular e ele deixa de ser professor de educação física? Não. Ele deixa de ser professor de educação física porque está aposentado. Mas, se ele não fosse aposentado, continuaria trabalhando. Várias Escolas já formaram professores cegos, deficientes físicos. Nós temos aqui na instituição um aluno com problema. Sofreu um acidente. Era aluno e sofreu um acidente de Rapel. E lá na ESEF nós tivemos um aluno que o braço dele não esticava e se formou professor de educação física. Então, chegou-se a uma conclusão que uma deficiência física não impede de ser um bom professor. Claro, é que antes havia aquela história que eu te contei. Se forjava um indivíduo que fosse um Adonis<sup>45</sup>, Atlas<sup>46</sup>, um super-homem, vamos dizer assim. Professor de educação física tinha que ser realmente um atleta. Essa era a idéia. Mas o corpo era muito mais valorizado na época. O professor de educação física tinha que vender saúde, vender a idéia da profissão dele através do próprio corpo. Esquecia que podia vender a mesma idéia através da inteligência, do bom trabalho, de uma boa formação cultural. Isso nos leva a desempenhar bem a função.

K.D. – Como que foi a tua relação com teus alunos?

F.N. – Tem três etapas. Todos os alunos que se formaram quando eu comecei na faculdade educação física me chamavam de chiquinho. Depois, tem uma etapa que me chamavam de Camargo e depois, mais tarde, me chamavam de professor Camargo. A minha relação com os alunos sempre foi muito boa, mas, se você me perguntar quantas vezes você foi paraninfo? Uma vez. Mas a minha relação com os alunos sempre foi com muita justiça.

---

<sup>45</sup> Adônis, nas mitologias fenícia e grega, era um jovem de grande beleza.

Quer dizer, eu cobrava muito, cobrava uniforme, horário, frequência e procurava desempenhar bem a minha função. Se você me perguntar se eu era [palavra inaudível] professor também? Não. Tinha falhas como qualquer outro professor tem falhas, mas procurava [palavra inaudível]. Como outros colegas que também tinha sido meu aluno, também tinha o mesmo sistema. Que na época era o que estava perdurando na Escola, porque era uma Escola com a maioria dos professores militares e nós seguíamos o que era correto. Meu relacionamento sempre foi muito bom. Ainda hoje eu cruzo com meus ex-alunos, alguns já aposentados e, quando diz “chiquinho”, já sei que é daquela época. Quando diz “Camargo” já sei de qual época e, quando diz “professor Camargo”, já sei que é mais recente [riso]. Então é assim que funciona. Minha relação é muito boa. Se você me perguntar, se você botou aluno para fora da sala de aula? Botei. Botei quatro alunos nestes quarenta anos. Uma menina e três rapazes. Dois estavam bêbados na aula. Eu disse para um sair que estava alcoolizado e outro [palavra inaudível] e saíram os dois [risos]. Começou a funcionar o curso de educação física na ESEF à tarde. E um aluno porque tomou uma atitude inadequada em relação exatamente ao teu professor, professor de fisiologia, Álvaro<sup>47</sup>. Na ginástica o Álvaro foi meu aluno. Estava dando uns exercícios e, num dos exercícios, eu botei o Álvaro em quatro apoios para o aluno pular por cima, fazer o mergulho e cambalhota. E o aluno esse, veio, pulou e passou a mão no traseiro do Álvaro [riso] e ele já tinha, mais ou menos, feito vários assédios sexuais nas meninas e já tinha um pré-requisito para mandar embora. E eu mandei embora da sala de aula. Então, tem coisas assim.

K.D. – O senhor deve ter bastante histórias para contar, não é?

F.N. – Tenho. Histórias boas, histórias más. O único professor que eu briguei dentro da faculdade foi o Adroaldo, mas continuo conversando com ele, sem problema nenhum. Foi o único que eu briguei. Que ele brigou também [risos]. Mas tudo bem! São fazes da vida, acontece. Tenho mágoas? Tenho, de algumas pessoas lá dentro, que ainda estão lá dentro, pelo desrespeito. Não por ter brigado, mas pelo desrespeito. Foi um bom período da minha vida. Boa parte do que eu tenho, eu conquistei lá. Procurei contribuir da melhor maneira possível para que as coisas funcionassem. Ajudei, participei, colaborei, me empenhei para

---

<sup>46</sup> Atlas (em grego, *Ἄτλας*) - também chamado Atlante - foi um dos titãs gregos, condenado por Zeus a sustentar o céu para sempre.

que as coisas andassem bem, discordei de muitas coisas, mas eu nunca fui um sujeito de fazer política partidária, fazer grupos. Participei, mas nunca fui de fazer grupos. Mas a minha relação sempre é muito boa, desde o funcionário do nível mais baixo até os professores eu tenho boa relação e, com os alunos, [trecho inaudível]. Nunca fui agredido por nenhum aluno. Já discordamos, já tivemos discussão séria, mas nunca que pudesse causar um problema “vou te pegar na rua, vou te bater”, nada disso.

K.D. – Tem alguma história que gostaria de contar, alguma história que tenha lembrado da ESEF? Algum fato pitoresco que tenha vivenciado na Escola?

F.N. – Bom, não sei se já te contaram, quando nós tínhamos o curso de massoterapia dentro da Escola com cegos. A Escola, durante um período, deu um curso de massagem para cegos. Nesse período, o vestiário era onde está hoje a secretaria, mais aquela sala que tem o setor da prefeitura... Bom, mais tinha uma outra estrutura. Ali era banheiro, vestiário com banheiro, chuveiro e o que tinha muito é na entrada... Como não tinha divisória, quem entrasse na porta via os caras pelados lá, eles botaram uns armários de aço numa posição assim e outros assim [entrevistado demonstra a posição]. Quer dizer, se olhando da porta você não enxergava ninguém pelado. E, o que se fazia muito neste grupo de massoterapia, é que nós tínhamos cegos totais e aqueles com sub-visão. Então, o que ocorria? Juntamente com os que tinham visão eles mexiam no armário e tiravam de posição e era tal de ceguinho correndo, entrar rápido para tomar um banho e ir embora e batia de cara com os armários [riso]. Isso foi uma das coisas que faziam com muita frequência: mudar os armários de posição [riso]. [trecho inaudível]. Olha só a sacanagem que faziam com os ceguinhos. E tinha, numa das turmas lá, um aluno que nunca lavava o abrigo e a gozação era a seguinte: quando o fulano entrava... Porque botava o pessoal em forma, coluna por um, coluna por dois, bem regime aquele. Ninguém queria ficar perto dele, nem na frente, nem ao lado e nem atrás. Se abrisse a porta do vestiário, o abrigo saía sozinho de tão sujo e imundo que estava o abrigo. Desde quando o cara botou o abrigo dentro do armário e botou para usar, nunca lavou o abrigo. Tem o nome do cara, mas não vou colocar [riso]. Outro aspecto interessante é que hoje tem aquelas festas que a gurizada faz. Antigamente tinha as festas juninas que a gente fazia na sala de rítmica, os alunos enfeitavam, botavam balão, papéis e era muito interessante porque vários anos se fez festa junina dentro da

---

<sup>47</sup> Álvaro Reischak de Oliveira



Escola que vinham todos os alunos, maridos, a maioria das alunas, os alunos já eram casados na época. Então era assim, bem interessante porque vinham com a família aqui dentro da faculdade. Que mais que posso te contar assim? É, tem as histórias que não são contadas, que sempre tem apelação, mas em linha geral é assim, aquele aluno muito esperto, demonstrava ser muito crente em sala de aula, querer aparecer, os caras diziam: “Se tu começar a aprontar, a gente vai te aplicar uma”. E, uma das aplicações, era botar o cara para fora do vestiário pelado. Então, coisas assim, bem grotescas que se fazia aonde eu estudava e se fazia aqui também.

K.D. – O vestiário era o ponto onde rolava as emoções [risos]...

F.N. – É. O interessante também é que havia turmas, outra coisa importante, e com a reforma do ensino e terminaram com as turmas. Então, por exemplo, se tu entrasse no 1º ano com um grupo, com exceção daqueles que [palavra inaudível], se saía no último ano com eles. Hoje em dia você não sabe com quem vai sair. Você entra, sai, se tem vaga você pode seguir, se não tem vaga você não faz. Então, você tem que fazer um jogo. Antigamente não. Era tudo bem tabulado, era fácil de você chegar ao final do curso com a mesma turma e isso deu muita união ao grupo. Tanto é que até um tempo atrás eu participei de vários encontros das turmas. Tem outra coisa que você não saiba, talvez não tenha te dito. Eu tenho este material para dar para vocês. A Escola de Cachoeira do Sul e a de Santa Cruz<sup>48</sup> tiveram origem na ESEF/UFRGS. Em 69, havia na legislação um artigo que permitia que a Escola de Educação Física abrisse, vamos dizer assim, uma outra Escola no interior, interiorizar-se, mas não com cunho federal, fazia parceria. Eu fui coordenador da Educação Física da UFRGS com a Escola de Educação Física de Cachoeira e o professor Coronel Sofia<sup>49</sup>, foi o de Santa Cruz. Foi aberto duas Escolas. Isso foi muito interessante, porque a Escola de Educação Física, praticamente, foi a mãe de todas as outras que estão aqui. A de Santa Maria<sup>50</sup> também teve origem na nossa. Nossos professores, nossos alunos foram trabalhar lá em Santa Maria e de repente se formou lá a Faculdade de Educação Física de Santa Maria. A própria ULBRA<sup>51</sup> também nasceu com a participação minha e do Alduino e mais dois professores o [palavra inaudível] e o outro eu

---

<sup>48</sup> Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>49</sup> João Francisco Sofia

<sup>50</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>51</sup> Universidade Luterana do Brasil

não me lembro o nome dele. Nós montamos o projeto para a criação da ULBRA, eu montei o projeto para criação da [palavra inaudível] e as outras foram crescendo em função desta genética, como se dizia inicialmente. Então, do ponto de vista profissional, eu como professor da ESEF, não tenho nenhum arrependimento, só tenho satisfação. Os problemas são naturais, de atrito, alguma discordância, mas é aquilo que eu digo: tudo que eu consegui na vida foi graças ao trabalho feito na ESEF.

K.D. – Existe lá o surgimento da extensão e da pesquisa?

F.N. – Sim. A pesquisa aconteceu com o De Rose que era o único que tinha uma visão mais abrangente. Depois com os outros professores mais novos que fizeram mestrado e doutorado e quando nós criamos o curso de mestrado. Eu criei o primeiro curso de especialização na década... Em 75 eu criei o primeiro curso de especialização *lato sensu* da Escola nessa época mais recente, porque antes também houve alguns cursos, mas muito esporádico. Primeiro curso de especialização na Escola teve 700 horas. Envolveu várias atividades, tênis, basquete, natação. Não tinha as características que tem hoje. De lá para cá começou a se trabalhar no sentido de possivelmente ter um mestrado, só para isso teria que qualificar *lato sensu* e é o que foi feito. O De Rose foi quem começou isso exatamente, a qualificar e eu me qualifiquei fazendo concurso para livre docência. Tinha três professores dentro da instituição e fizemos para livre docência. A professora Lênea, eu, o professor [palavra inaudível], ele dava cinesiologia, a Lênea dava recreação. Então, o que era a livre docência? Quem tivesse mais de 10 anos de atuação em determinada disciplina, tirasse um tempo “x”, se submetia a um concurso. Este concurso era composto de uma prova escrita, de uma prova didática, de uma prova de título e a defesa de sua tese. Eu fiz isso em 76 e saiu a minha aprovação em 78. Eu não fiz curso. [trecho inaudível]. Mas eu não fiz curso de doutorado. A professora Lênea obteve recreação, o professor [palavra inaudível] cinesiologia. Então, todos nós obtivemos o título de Doutor em Ciência e livre docência na área de atuação.

K.D. – Este programa era federal?

F.N. – Uma qualificação, uma legislação que amparava a qualificação de docente para obter o título de doutor. Isso encerrou em 76. Então, os três primeiros professores ao obter

título dentro da instituição, pela ordem, foi exatamente essa: a professora Lênea, professor Camargo e professor [palavra inaudível].

K.D. – Neste mesmo programa outros professores ingressaram?

F.N. – Não. Ninguém quis ingressar, ninguém participou. Depois, mais tarde, o professor Adroaldo fez concurso no Rio de Janeiro<sup>52</sup>, mas o título dele só teve uma abrangência regional, só valia... Por isso que ele fez o doutorado depois em Portugal.

K.D. – Mas equivale ao nosso mestrado? O título desses cursos equivaleria ao nosso mestrado?

F.N. – Não. Ao doutorado. Título de doutor. Eu obtenho todas as vantagens como eu tinha na ESEF com o título de doutor. Do Adroaldo, como ele foi feito numa universidade estadual no Rio de Janeiro, [palavra inaudível] ele só tinha valor no estado do Rio de Janeiro e aí ele foi fazer doutorado no Porto<sup>53</sup>. Ele é livre docente, mas é também doutor com curso feito no exterior.

K.D. – E quanto à extensão?

F.N. – A Escola sempre fez atividade de extensão, mas ela tomou fôlego, ficou forte quando nós começamos, através da professora Jane, o primeiro curso de extensão... Porque tem dois tipos de extensão: extensão de prestação de serviços e extensão universitária. Então, a extensão universitária geralmente ela vem através do curso que a gente realizava, curso de yoga, ginástica, basquete, vôlei. Convidando professores ou a gente mesmo ministrava e depois teve aquelas atividades de prestação de serviços. Por exemplo, esse evento que era feito lá na piscina com os deficientes que a própria Jane começou, a Helena<sup>54</sup> faz, o Krue<sup>55</sup> faz. Todos esses cursos de extensão tinham esse vínculo de mais prestação de serviços do qualquer outra coisa. Por exemplo, o curso de extensão para asmáticos do Krue durou mais de três anos. Não sei se ainda continua com outras turmas,

---

<sup>52</sup> Estado Brasileiro

<sup>53</sup> Cidade de Portugal

<sup>54</sup> Helena Alves D'Azevedo

<sup>55</sup> Luiz Fernando Martins Krue

mas no período tinha a mesma turma em três anos. E a Helena trabalhando com os bebês também e assim por diante. Teve vários professores que mantiveram cursos de extensão. Agora como curso de extensão e o próprio curso de especialização *lato sensu*, são atividades consideradas não regulares. Depende da clientela para fazer, depende de aprovação da instituição, depende da área de interesse, do momento. Às vezes tinha uma atividade interessante... Teve uma época no Brasil que o voleibol estava em destaque com aquela gurizada do Bernardo, Tande e outros. Então o maior interesse era fazer curso de especialização nesta área.

K.D. – Mas a extensão, quando tu entraste como professor, já tinha?

F.N. – Eu vou ser bem franco contigo. Eu não me lembro de curso de extensão naquela época. Não me lembro. Acredito que sim, mas eu não consigo me lembrar assim. [silêncio]

K.D. – Então, professor Camargo, Chiquinho, Camargo [risos]. Eu agradeço muito o depoimento.

F.N. – Eu estou à disposição. Se me lembrar de mais alguma coisa. Eu tenho material em casa para passar para vocês. Eu tenho pastas com vários nomes, papéis mimeografados que eu posso passar para vocês terem lá como... Eu acho importante. Este negócio da Universidade que eu trabalhei, participei [palavra inaudível] da distribuição dos atletas no campo do Grêmio<sup>56</sup> fui eu que fiz e tem algumas coisas. Como eu mudei de apartamento, apareceram algumas coisas. Na semana agora estava pegando este material. Por exemplo, o primeiro livro, não. Acho que o segundo livro feito por professor de educação física da Escola foi o meu. Porque antes foi o da professora Lya<sup>57</sup> de dança. Depois foi o meu. Se você olhar aquele livro de exercício que tem lá, exercício de aquecimento, agilidade e destreza, formação corporal, agilidade e destreza e jogos. O livrinho foi feito em 66. Está tudo certo. [trecho inaudível]. Depois eu fiz um de handebol, de capa verde. Foi em 72. Depois em 74 eu fiz o da educação física e a reforma no ensino. A educação física participou da [palavra inaudível] e expressão. Tem uma porção de coisas assim que a gente fez. Coisa pitoresca teve muito, mas eu não consigo me lembrar assim que eu estivesse

---

<sup>56</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

<sup>57</sup> Eliane Clotilde Bastian Meyer Schmitz

envolvido. Se você me perguntar assim: como era determinado professor? Eu posso dar, mais ou menos, o perfil dele, característica, mas assim dizer...

[FINAL DO DEPOIMENTO]